

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

MARITAIN (Jacques). — *Sobre a Filosofia da História*. Tradução de E. M. Machado. Livraria Herder Editôra.. São Paulo. 1967.

Jacques Maritain tornou-se famoso com seus livros *Humanisme intégral* e *Christianisme et démocratie*, na década de 50, lançando as bases para o pensamento político dos chamados *catholiques de gauche*.

Reunindo em livro suas aulas na *Notre Dame University* em 1955, Maritain escreveu este ensaio sobre Filosofia da História que, como sustenta o próprio autor, não é apenas um estudo de Filosofia Especulativa, mas de Filosofia Moral e Prática.

Seguindo Santo Agostinho e Bossuet, Maritain analisa a História como a resultante do concurso da intervenção divina e do livre arbítrio humano.

Faz substanciosas críticas às filosofias deterministas que, negando participação ativa ao homem, negam sua liberdade e por fazerem do processo histórico o fim de si mesmo, tendem para um “gnosticismo da História” de feição panteísta.

Porém, ao admitir a evolução como uma *constante* da História, Maritain propõe leis como a da “tomada de consciência”, a “lei da passagem do Estado mágico ao racional”, a “lei de evolução da consciência moral”, a “lei do duplo progresso contrastante”, aproximando-se da filosofia de Hegel.

Assim é que, embora reconheça na Revolução Francesa aspectos negativos, entre os quais menciona o racionalismo, Maritain vê naquele episódio um “enorme progresso da consciência da dignidade humana”. É um exemplo ilustrativo da “lei do duplo progresso contrastante”, que o autor apresenta.

Aqui notamos uma tentativa de sincretismo filosófico: Maritain quer continuar afirmando postulados do tomismo e, conjuntamente, defender os princípios de 89.

Ora, nada mais oposto do que o tomismo à Revolução Francesa. Como se sabe, a visão tomista é teocêntrica e por isso, coerentemente, sua visão do Estado é sacral. Em contraposição, a Revolução Francesa lançou as bases do Estado laico e separou o trono do altar.

Que um Hegel, um Marx ou qualquer outro filósofo agnóstico considerem-na um elo da evolução, é bastante compreensível.

Já não é tão fácil ver como um tomista pode considerar evoluído o Estado laico, permanecendo fiel à *Weltanschauung* de São Tomás.

Mesmo porque, dentro de sua concepção de triunfo do Bem sobre o Mal na História (tirado de Santo Agostinho na *De Civitate Dei*), não há lugar para uma identificação do “progresso da consciência da dignidade humana”, baseado em Rousseau e Voltaire que tem sentido igualitário e agnóstico, com o “progresso do espírito evangélico”, baseado em São Paulo e Santo Agostinho, que tem sentido hierárquico e sacral.

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Aqui Maritain joga com o sentido equívoco das expressões utilizadas pelos teóricos da Revolução Francesa e semelhantes às expressões consagradas pelo Cristianismo. Mas, por pouco conhecimento que se tenha da filosofia do século XVIII, sabe-se que as noções de “liberdade” e “fraternidade” nada tem de comum, basicamente, com o “livre arbitrio” e “o amor do próximo” do Evangelho, exceto acidentalmente.

Trata-se de duas concepções diferentes: uma agnóstica e racionalista; a outra teológica e sacral.

Assim, Maritain não consegue construir um sistema coerente de Filosofia da História, exatamente por tentar uma “síntese hegeliana”, partindo de postulados da Filosofia Medieval teocêntrica, para se inserir nos sistemas evolucionistas, posteriormente, timbrando em não ser adepto de Hegel.

CLÁUDIO DE CICCO.

* *
*

DAUVILLIER (Jean). — *Les temps apostoliques* (Ier siècle) (2.º tomo). Coleção “Histoire du Droit et des Institutions de l’Eglise en Occident”. Paris. Éditions Sirey. XVIII + 744 pp. Preço: 130 F.

O Autor descreve inicialmente os quadros cronológicos e geográficos e as fontes: cristãs, judias e pagãs; depois, examina sucessivamente a hierarquia primitiva, a estrutura das comunidades, os meios de santificação, a justiça, as finanças (inclusive o regime fiscal), as relações recíprocas do mundo cristão com o mundo judaico e pagão.

Procura extrair das fontes tudo aquilo que delas se pode tirar, distinguindo os diversos graus de certeza e indicando as hipóteses que cobrem as lacunas. A propósito dos manuscritos do Mar Morto, mostra o que êles trouxeram para um melhor conhecimento dos meios judaicos e dos meios cristãos. Procura todos os elementos comuns, e, para cada um dêles, procura provar se houve influência recíproca (assim procede, por exemplo, a propósito das origens do episcopal) ou um desenvolvimento paralelo.

Resulta dêsse exame da Igreja no I século, que se os carismáticos tiveram um grande papel, longe está ela dessa anarquia que alguns teimam em encontrar no seu desenvolvimento. A Igreja primitiva é uma Igreja visível e organizada, que foi dotada de regras jurídicas e de instituições. E’ mesmo inexato falar-se de uma dupla hierarquia, uma carismática e outra institucional. Os carismas pertencem tanto aos membros do clero como aos laicos. Pertence à hierarquia, como aos próprios carismáticos, efetuar o discernimento dos espíritos.

E. S. P.

*
* *

SANZ (Carlos). — *Ciento noventa mapas antiguos del mundo de los siglos I al XVIII, que forman parte del proceso cartográfico universal*. Madrid. Real Sociedad Geográfica. 1970. In 4.º. 355 pp. Preço: 250 pesetas.

Pode dizer-se, sem sombra de dúvida, que esta obra é única no seu gênero e estamos convencidos que será acolhida em todo o mundo como um instrumento básico para o conhecimento da História de um ponto de vista absolutamente inédito e de maior autenticidade.

Existem, é claro, outras compilações, inclusive com o portentoso título de *Monumenta Cartografica*, porém são coleções que, na sua maioria, compõem-se de mapas regionais e, que por isso mesmo, têm um caráter principalmente local. Nenhuma obra nesta linha contém um tão grande número de mapas do Mundo, reproduzidos em série cronológica, descritos e comentados cada um segundo a importância que tiveram no desenvolvimento da cartografia universal. Trata-se, pois, de um *Corpus* inexistente até hoje.

O que se pretendeu foi dar a conhecer as numerosas imagens da superfície terráqua como foram vistas através do tempo, e que de modo indubitável nos mostram os momentos vitais de cada povo, e especialmente o de sua incorporação ao processo da História.

Os mapas antigos, considerados como elementos de informação visual retrospectiva, ocasionalmente talvez sejam os únicos dentre monumentos arqueológicos que a Antigüidade nos legou, testemunhos fidedignos que nos permitem contemplar o desenvolvimento geral dos descobrimentos transoceânicos, que não se produziram de forma gradual como acreditaram os evolucionistas, mas sim que apareceram de modo inesperado, e nos referimos principalmente à América, que por si só constitui a grande revolução geográfica que abriu a possibilidade dos demais descobrimentos.

O mapa tem, além disso, a vantagem de ser universalmente inteligível, por estar isento dessa fronteira quase intranponível que são as diferentes línguas, em que necessariamente não de manifestar-se a relação histórica. O mapa é, por isso, o instrumento ecumênico por excelência. Todos os homens, ante a presença de um Mapa do Mundo, se reconhecem imediatamente, pelo imperativo da relação geográfica, como fruto de uma mesma árvore, cuja existência e destino dependem do denominador comum, que exige continuidade incessante na trilha da perfeição e um avanço sem fim para as metas da plenitude cósmica e espiritual.

Algo muito digno de assinalar-se é que o conjunto cartográfico *real* que conhecemos coincide com a existência do Cristianismo na Terra. Essa série de mapas começa com o de Ptolomeu, do II século da nossa era.

Na verdade, a cartografia anterior à primeira viagem transatlântica das *três caravelas* é somente precursora da cartografia mundial, e por isso costumamos chamar hemisféricos ou de meio mundo, aos mapas produzidos antes do ano de 1492.

A verdadeira etapa universal da cartografia tem início com a primeira noção experimental da forma esférica da Terra, que foi o resultado das viagens transoceânicas, a frente das quais figura a travessia atlântica, que teve por consequência imediata não somente o descobrimento da América, como o ensina a História, como também o *descobrimento do mundo*, como o mostram os mapas daquela época, e especialmente o mural de Waldseemüller, do ano de 1507, que é básico para o conhecimento do processo cartográfico moderno. Esta segunda etapa da cartografia tem que ser qualificada como expoente da gesta universal dos povos ibéricos, que realizaram a *unidade geográfica do mundo*, e com ela a reunificação do gênero humano, fundamento do processo de integração em que todos nós nos achamos imersos.

Em resumo, o ensino que pode derivar-se deste *Corpus* da cartografia mundial não pode ser medido, bastará recordar que na configuração de um mapa universal se representa a soma de valores existentes ou simplesmente supostos, em que algum modo o homem intervem. Os panteístas sempre identificaram a idéia ou o ser de Deus com a existência do Mundo.

Pelo caráter técnico dessas obras, sua aparição não costuma chegar ao conhecimento do público, nem sequer dos mais interessados nessa espécie de estudos, e menos ainda se levamos em conta que a Real Sociedade Geográfica publicou uma edição limitada a mil exemplares, que foram postos a venda pelo preço de 250 pesetas (US\$ 4,00). Preço, notoriamente baixo, se levamos em conta o alto nível científico desse livro e as 190 reproduções de mapas antigos do mundo que contém verdadeiro arquivo de documentos cartográficos raríssimos, e muitos únicos, dispostos para ilustrar a ação dos diversos povos que intervieram nos descobrimentos geográficos, donde podemos concluir que trata-se de obra extremamente útil aos investigadores, empresas jornalísticas, e em geral para todos aqueles que se dedicam à publicação e ao ensino.

M. R. C. R.

* *
*

LATOUCHE (Robert). — *Les origines de l'économie occidentale (IVe-XIe siècle)*.
Coleção "L'Évolution de l'Humanité". Éditions Albin Michel. Paris. 1970.
416 pp., 4 mapas. Preço: 9,50 F.

A obra de Robert Latouche, decano honorário da Faculdade de Letras de Grenoble, abre horizontes muito vastos, porque a economia, durante esse longo período, revestiu-se de uma importância toda particular: assiste-se, de fato, ao nascimento da Europa, da civilização ocidental pela colocação das suas bases econômicas. Sentimo-nos atraídos pela agradável leitura dessa obra, alerta e viva, sempre próxima do concreto. A partir do declínio da economia antiga, ela mostra sucessivamente a economia merovíngia "à deriva", sem rumo, com as invasões germânicas e o declínio da vida urbana; a economia carolíngia, que traz a marca do grande imperador e onde aparece uma primeira síntese entre as tradições ro-

manas e as contribuições dos germanos, ao mesmo tempo que a unidade da população se restabelece. Depois, as incursões dos normandos destroem de novo o equilíbrio, mas indicam que foram o levedo de um novo dinamismo: “nós lhe devemos a noção de um mundo atlântico”. Desde o XI século, uma verdadeira renascença se anuncia: a tímida retomada para frente da economia e o despertar das cidades mostram a direção de uma civilização renovada.

E. S. P.

* *
*

LOMBARD (Maurice). — *L'Islam dans sa première grandeur (VIIIe-XIe siècle)*. Coleção “Nouvelle Bibliothèque Scientifique” dirigida por Fernand Braudel. Paris. Flammarion. 1971. 245 pp. 30 cartas e quadros. Preço: 36 F.

Das fases sucessivas que o Islão conheceu, este livro se ocupa da primeira, aquela que foi a da sua maior extensão, o apogeu do seu poderio, da sua expansão civilizadora. Após ter examinado os diversos “terrenos” antigos recobertos pelo mundo muçulmano, êle analisa o poderio monetário, os ritmos urbanos e a dinâmica das trocas que foram a origem da sua expansão e constituíram sua força. O autor expõe como o momento islâmico da história do mundo se explica pela construção de um grande rêde econômica pondo em contacto domínios que até então tinham permanecido distintos. Essa análise põe em evidência certos fenômenos que durante muito tempo auxiliam a substituir a evolução ulterior numa das mais justas perspectivas. Trinta cartas e quadros didáticos acompanham de perto o texto. Um quadro sinótico fornece os elementos cronológicos e visualiza as dominações e os contactos.

Maurice Lombard (1904-1965), autor do livro, foi Diretor de estudos na Escola Prática de Altos Estudos (VI secção) da Sorbonne, onde ensinou durante 15 anos História econômica e social da Idade Média. Numa série de artigos, estampados principalmente na revista *Annales*, tinha insistido sobre o papel do Oriente muçulmano no renascimento do Ocidente. Esta obra expõe uma parte das melhores idéias que professou.

E. S. P.

* *
*

COMISSÃO LEONINA: Sancti THOMAE DE AQUINO, *Expositio super Job ad litteram cura et studio Fratrum Praedicatorum* (Opera Omnia, t. XXVI); Romae, Ad Sanctae Sabinae. 1965.

E' muito provável que São Tomás de Aquino tenha composto o seu *Expositio super Job* após 29 de agosto de 1261 e antes de outubro de 1264, como testemunha

Ptolomeu de Luca. A obra teria, pois, sido escrita pelo Doutor Angélico no início da sua estadia nos Estados da Igreja e quando começava o seu ensino na escola dominicana junto à Cúria pontifical, tendo deixado a sua cadeira de Mestre em Teologia da Universidade de Paris sob as instâncias do Papa Urbano IV, segundo o que nos diz o mesmo Ptolomeu de Luca.

O progresso da exegese bíblica desde a Idade Média e o desenvolvimento das técnicas científicas dos tempos modernos não encorajam em nossos dias estudar os comentários medievais da Sagrada Escritura. Com efeito, esses comentários pareceram aos contemporâneos que recorreram muitas vezes à alegoria e às explicações místicas e moralisantes, ou melhor, seus processos de recortes lógicos, minuciosos, nos parecem bem artificiais. A *Expositio super Job* de São Tomás de Aquino merece precisamente sair do olvido porque nessa obra o Doutor Angélico se mostra, pelo menos em espírito, um autêntico precursor das tendências exegéticas modernas. Deixando de lado os hábitos dos seus contemporâneos, São Tomás vai direto ao sentido literal do texto, e é a esse sentido literal unicamente que ele procura se ater, para tentar explicá-lo, utilizando-se de todos os recursos de que podia dispor. O que nos possibilita, aliás, descobrir numa certa medida, graças a esse texto de São Tomás, a visão mais ou menos científica do mundo que se desenvolvia na época do Doutor Angélico, em particular sob a influência das obras dos filósofos da Antigüidade. Por outro lado, as questões da Providência divina, do mal e da liberdade humana, se encontram evidentemente entre os temas teológicos evocados nesse comentário bíblico.

Preparado inicialmente pelos membros da secção leonina de Ottawa, os Padres Pierre Tremblay, A. Jutras, J.-B. Feid, Cl. Vansteenkiste, L. Varin, a edição crítica da *Expositio super Job* foi levada a termo em Roma pelo Padre A. Dondaine, diretor da secção romana da Comissão Leonina, com a colaboração do Padre V. -H. Shooner, e o auxílio dos Padres R. Gallet, A. Kenzeler, J. Peters e A. Van Adrichem. Os *Índices* foram elaborados pelo Padre R. Mignault e os membros atuais da secção de Ottawa da Comissão Leonina.

Constituindo o tomo XXVI da Edição leonina, essa publicação se apresenta sob sua forma de brochura em dois fascículos: o primeiro fascículo, com X + 144 pp., contém o prefácio, em língua francesa, assinado pelo Padre A. Dondaine. Nesse prefácio ele apresenta a obra, mais sobretudo explica o trabalho crítico e justifica cientificamente o texto estabelecido e proposto pelos editôres; esse fascículo foi impresso pela tipografia vaticana. O segundo fascículo, de 355 pp., compreende o texto propriamente dito, tendo em cada página de um lado e no alto, o texto do livro de Job que São Tomás conheceu, após na outra parte, em duas colunas, a *Expositio* por São Tomás; enfim, no rodapé de cada página encontra-se a bibliografia crítica e as fontes onde se encontram identificadas as citações explícitas ou implícitas que se pode encontrar no texto do Doutor Angélico. Esse fascículo, impresso por ATEL, em Roma, termina com as cem páginas dos *Índices*, permitindo, em particular, encontrar de maneira sistemática o conjunto dado por São Tomás na sua *Expositio* e as palavras raras por ele utilizadas.

Devemos acrescentar que êsse tomo XXVI inaugura o nôvo formato segundo o qual serão daqui para frente publicados as edições críticas das obras de São Tomás de Aquino: 25,5 X 36 cm. Preço do volume: USA, 30,00, para o conjunto dos dois fascículos em brochura (os fascículos não se vendem separadamente; se se desejar o volume encadernado, o preço da encadernação deverá ser acrescentado ao preço acima indicado. As encomendas devem ser dirigidas à: Commissio Leonina, Santa Sabina, Aventino, Roma 0802.

E. S. P.

* *

*

AQUINO (Sancti Thomae). — *OPERA OMNIA. Tomus XL. Pars A. In Opuscula Introductio Generalis. CONTRA ERRORES GRAECORUM. Appendix: Liber de Fide Trinitatis.* Editori di S. Tommaso (Santa Sabina), I — 00153. Roma 1967. X + 166 pp. Preço: \$10,00.

Êsse primeiro fascículo inaugura a série dos *Opuscula* de São Tomás de Aquino. Uma breve Introdução mostra o estado atual das modernas pesquisas sôbre os Catálogos antigos da *Opera fratris Thomae* e sôbre a origem das Coleções de opúsculos.

Dois textos fazem parte dêste fascículo: o *Contra Errores Graecorum* de São Tomás de Aquino e o *Liber de Fide Trinitatis* de Nicolau de Crotona. Sabe-se, com efeito, que o opúsculo de São Tomás não era uma obra para ser entregue ao público, mas uma memória dirigida ao papa Urbano IV que tinha pedido sua opinião sôbre o valor dêsse *Libellus*, reunião de textos atribuídos aos Padres gregos, e escolhidos para apoiar as teses latinas na controvérsia entre gregos e latinos.

Um amplo Prefácio (pp. 5-66) situa historicamente as duas obras, precisa seu conteúdo e sua relação. Um quadro das chamadas fontes do *Libellus* permite avaliar a qualidade bastante duvidosa, que São Tomás no momento não tinha suspeitado; nessa complicação tendenciosa, êle viu fraquezas e sobretudo a riqueza dogmática. A êsse propósito, o editor nota que o título tradicional do opúsculo é obra dos primeiros editôres, dado no contexto das polémicas do fim do XIII século; êle não corresponde de maneira alguma à intenção de São Tomás, que consagra a metade da sua memória para explicar de maneira benigna as expressões que o *Libellus* atribui aos Padres gregos e que podiam chocar um teólogo latino.

A parte prôpriamente crítica, refere, nos 55 testemunhos manuscritos do opúsculo, duas tradições distintas, das quais uma, que cita o *Libellus* com mais exatidão, faz coincidir com o texto que São Tomás levava em conta quando compunha o IV livro do *Contra Gentiles*. O editor o procurou, pois, como base da sua edição; êle confirma assim o texto vulgarizado pelos impressos. Paulo Soncimas (Milão, 1428) utilizou um bom manuscrito da mesma tradição. A outra tradição poderia provir duma cópia decalcada sôbre o autógrafo da primeira redação; suas variantes são dadas nas notas da edição.

O texto do *Liber de Fide Trinitatis* reproduz estritamente aquêlo do único testemunho manuscrito descoberto por Uccelli em 1869, o *Vat. lat. 308*. A primeira edição respeita a ortografia dêsse manuscrito. A citação das fontes procura precisar a relação do *Libellus* com a fonte grega referida nas passagens retidas e estudadas por São Tomás: pode-se procurar aí os processos do compilador, que pesou bastante na leitura e no julgamento de São Tomás.

Os *Índices* distinguem os autores citados por São Tomás e os referidos pelo editor; o mesmo acontece com o *Libellus*. O texto dêste não deixa de ter interêsse para o filólogo, pois que representa uma tradução do grego para o latim; ao *Índice* dos têrmos latinos não usados comumente pelos autores clássicos foi acrescido um *Índice* dos 105 têrmos gregos transliterados em caracteres latinos.

Pode-se verificar que espécie de leitores variados êsse primeiro fascículo pode interessar: teólogos, atentos à reação de um São Tomás em face da diferença dogmática entre gregos e latinos; historiadores das relações entre as duas comunidades cristãs do Oriente e do Ocidente, e do papel que desempenhou o isolamento entre as duas culturas; filólogos enfim, curiosos dos *avdtars* do latim medieval em face dos problemas de tradução.

E. S. P.

* *
*

PREVOST (André). — *Thomas More et la crise de la pensée européenne*. Name Editeur. Lille. 1969.

E' sempre difícil estabelecer um nexó entre os grandes movimentos filosóficos e o ambiente social e psicológico que os viu nascer. Ora, supervalorizando o aspecto filosófico, esquece-se da influência que êste recebe da conjuntura histórica; ora, salientando o aspecto histórico, corre-se o risco de não ver a individualidade dos grandes pensadores.

De um e outro escolho, hãbilmente se livrou André Prevost ao escrever sua obra *Thomas More et la crise de la pensée européenne*. Com rara felicidade soube descrever a Inglaterra dos Tudor, sondando suas profundas aspirações de independência intelectual, que chegaram a produzir a ruptura com o teocentrismo medieval.

E ao colocar o chanceler Thomas More como centro da atividade cultural inglêsa na sua época, soube escolher muito acertadamente, pois, poucos pensadores contemporâneos seus poderiam apresentar uma tão variada antologia: ensaios de política, biografias, peças teatrais, diálogos morais e tratados de exegese bíblica, ao lado de vasta correspondência com Erasmo de Rotterdam, Tyndale e Lutero.

Começa o autor por analisar a formação humanista de More, seu contáto com Erasmo e as influências que mútuamente intercambiaram. Compara sutilmente a *Utopia* de More ao *Elogio da loucura* de Erasmo, mostrando que ambos desejavam

uma reforma da mentalidade reinante, porém More a queria com muito mais equilíbrio e o pensador holandês era um radical.

Humanista, entusiasta dos estudos clássicos, More desejava um retorno aos grandes mestres da Filosofia grega e um estudo aprofundado da Bíblia, opondo-se tenazmente à Escolástica decadente que, desvirtuando o pensamento de São Tomás de Aquino, caíra num nominalismo silogístico estéril e irritante.

Porém não acompanhou Tyndale quando este, nas pegadas de Lutero, passou a atacar violentamente o magistério da Igreja. Grande número de estudos históricos e exegeticos de More apresentam um tom marcadamente apolegético, pois defendia uma “via média” entre o acatamento da Igreja, de um lado, e o recurso às fontes bíblicas, de outro lado.

Porém Tomas More mantém a serenidade de um diálogo com seus opositores, apenas utilizando as armas de uma fina ironia, quando temia se tornar enfadonho ao leitor.

Por seu estilo ameno e equilibrado, More coloca-se entre os grandes adeptos da tolerância, que aliás imaginava em sua ilha da *Utopia*, como uma instituição de seus pacíficos e amáveis cidadãos.

Não perde porém André Prevost a visão da sociedade naquela época: em profundas fibras da alma inglesa percebe as origens do movimento contestatário, que, apesar dos esforços conciliatórios de More, atingiu o climax com o *affaire Anne Boleyn*, que então se insere no seu verdadeiro contexto histórico e até psicológico, ponto de chegada e não ponto de partida de um processo histórico.

E’ uma época de grande crise ideológica que se apresenta a nossos olhos: a Inglaterra mergulhada na atmosfera teocêntrica medieval procura romper os laços que a prendem à Igreja, à procura de uma nova filosofia, nos Tempos Modernos.

O estudo de uma época tão interessante, feito também em função de um homem que viveu os seus problemas é da maior importância para se conhecer a inter-relação entre a psicologia da massa, as estruturas sociais e a maturação das idéias filosóficas.

Daí a grande oportunidade da leitura da obra, pois nossa época tem muitas analogias com a Renascença pois ela também é uma era de crise ideológica e de contestação de valores secularmente admitidos.

E, ao final da leitura, talvez tenhamos em Thomas More o modelo de equilíbrio, também para a nossa época, feitas as adaptações devidas ao nosso horizonte histórico.

CLÁUDIO DE CICCO.

* *
*

DEVÈZE (Michel). — *L'Europe et le monde à la fin du XVIIIe siècle*. Coleção "L'Évolution de l'Humanité". Éditions Albin Michel. Paris. 1971. 703 pp., 7 mapas. Preço 12,00 F.

No fim do XVIII século, as relações entre os continentes se organizam, acarretando a troca de idéias e de mercadorias e a confrontação das civilizações. Si a Europa colocou sua marca sobre o resto do mundo, ela foi atingida também por êsses contactos, sobretudo nas regiões limítrofes do Atlântico. Daí derivam as diferenças na evolução ulterior da Europa ocidental, central e oriental sobre os planos econômico, social e ideológico.

A obra de Michel Devèze, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Reims, divide-se em cinco partes: influência da Europa sobre a Ásia, exploração do Pacífico, exploração da África, impacto sobre a América, influência do mundo sobre a Europa; a conclusão aborda as conseqüências da Revolução francesa que abrirá o caminho para uma concepção nova das relações entre os povos. A simplês leitura desse volume, viva abordagem de horizontes exóticos sempre em modificação, é muito atraente. E, pela sua objetividade, sua colocação de problemas, êsse trabalho, profundamente elaborado, permite à verdade histórica, atingir uma nova dimensão.

E. S. P.

* *
*

LÛTHY (Herbert). — *La Banque Protestante en France de la Révocation de l'Édit de Nantes à la Révolution*. I. *Dispersion et regroupement (1685-1730)*. II. — *De la Banque aux finances (1730-1794)*. Publicação da École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Centre de Recherches Historiques. Coleção "Affaires et gens d'affaires". Paris. 1959-1961. 2 volumes. XVI + 454 + 861 pp. Preço: 85,00 F.

Esta reedição coloca novamente em circulação uma obra de grande interesse para o conhecimento da história financeira do século XVIII. "Não se trata nesse trabalho nem exatamente de história econômica, nem de história religiosa, mas sim da história de um grupo social".

Essa obra é o resultado de pesquisas extremamente precisas através dos arquivos franceses e suíços. O autor procurou delimitar os contornos exatos e o papel de um grupo ao mesmo tempo mítico e real, que ligava o espírito do capitalismo à ética protestante.

Constituição e reforçamento da internacional huguenote devido à revogação do Edito de Nantes; penetração de banqueiros huguenotes nos negócios financeiros da França no fim do reinado do Grande Rei (Luís XIX); manutenção das firmas huguenotes em Paris e suas ligações internacionais; os negócios na época de Necker. Através desses principais temas, o autor trata dos grandes problemas do

XVIII século: a aventura complexa de Law, a ascensão de Necker, os mecanismos e ação da Caixa de Descontos de Panchaud e a história dos empréstimos vitalícios ideados por Necker.

E. S. P.

* *
*

BETHELL (Leslie). — *The abolition of the Brazilian slave trade, Brazil and the slave question 1807-1869*. Cambridge at the University Press, 1970 (424 páginas).

A obra constitui o sexto volume de uma série referente à América Latina publicada pela Universidade de Cambridge. Os volumes anteriores referem-se ao Chile, ao México, à Bolívia e ao Brasil. A abordagem na mesma linha daquela problemática.

O autor é professor de História Hispanoamericana e de História do Brasil do University College, London e muito familiarizado com fontes nacionais e estrangeiras.

O trabalho baseia-se na consulta minuciosa dos documentos manuscritos existentes no *Public Record Office*, de Londres, referentes ao Tráfico Negroiro, à correspondência geral com o Brasil, aos Gabinetes abolicionistas ingleses, aos do Museu Britânico (papéis dos Ministros Aberdeen e Peel), aos do *National Register of Archives*, Londres (papéis do Ministro Palmerston), aos da *City Library*, Leeds (contendo os papéis de Canning).

Trata-se de uma monografia, não uma tese, assente em documentação guardada sobretudo nos arquivos brasileiros, notadamente no Arquivo Nacional, Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A obra documenta passo a passo a luta britânica contra o tráfico negroiro, ressaltando, conforme a problemática, os momentos das transações ocorridas entre o governo inglês e os diversos Gabinetes Imperiais. É um estudo do período de nossa Independência política, mostrando como a Grã-Bretanha tentou colocar fora da legalidade o tráfico negroiro e como, por meio de todos os subterfúgios possíveis, o Brasil evitou esta medida durante 20 anos.

É assim que num período de 40 anos, nos quais a supremacia nos negócios internacionais era totalmente inglesa, quatro grandes ministros das Relações Exteriores: Canning, Castlereagh, Aberdeen e Palmerston dedicaram todos seus esforços à Abolição, e a manutenção da estratégica Rota do Cabo.

O objetivo principal do autor foi escrever a respeito da luta pela Abolição do tráfico negroiro no Brasil, tentando resolver três questões básicas: inicialmente, como o tráfico negroiro no Brasil, um dos pilares econômicos, terminou sendo declarado ilegal (cap. I a II), em segundo lugar, quais as condições que impossibili-

taram a supressão do tráfico apesar de já ser considerado ilegal (cap. III a X) e, finalmente, como foi abolido (cap. XI e XII).

O livro abrange um aspecto importante da História Internacional da Abolição do Tráfico Negro e da Abolição da Escravidão, sendo uma contribuição importante acêrca das relações ânglo-brasileiras já que estas foram dominadas e estragadas pelo problema da escravidão por mais de meio século, entre os Gabinetes de Londres e do Rio de Janeiro, sob o aspecto diplomático, bem como das implicações no âmbito político e no relacionamento econômico. Recomenda-se, em vista disso, aos estudiosos interessados na abordagem do Atlântico afro-brasileiro e na delicada conjuntura internacional do tempo, envolvente dos interesses das grandes potências, notadamente a Grã-Bretanha que já adentrava a segunda Revolução Industrial.

E. M. GARCIA SÁEZ

* *
*

ANDRADE (Manuel Correia de). — *Nordeste, espaço e tempo*. Petrópolis. Vozes. 1970. 182 págs.

Reunindo cinco trabalhos elaborados em diferentes ocasiões, mas que “ainda não tiveram divulgação proporcional à riqueza de informações que apresentam”, a editora petropolitana acaba de lançar este novo volume do geógrafo e historiador pernambucano, reconhecido hoje como a maior autoridade na geografia do Nordeste. O primeiro — “Condições naturais do Nordeste” — limita-se a examinar a região do ponto de vista físico, e foi elaborado para a Sudene; o segundo — “O problema agrário: perspectivas geográficas” — foi apresentado, em forma de conferência, ao Instituto da América Latina da Universidade de Columbia; o terceiro — “Centralidade: definição de uma metodologia” — visa testar a viabilidade da aplicação da teoria dos “polos de desenvolvimento” ao espaço nordestino: no quarto e no quinto o autor trata do Maranhão: num, examina a formação histórica da economia maranhense, trazendo novas luzes sobre os fundamentos econômicos das transformações políticas e dos movimentos revolucionários ocorridos naquele estado, notadamente a “Balaçada”; noutro, analisa a atividade extrativa do babaçú, cujos aspectos econômicos, embora tenham grande importância para a economia da região, são pouco estudados e divulgados. A propósito de suas referências à “Balaçada”, convém lembrar que o autor vem, de há muito, empreendendo importante trabalho de revisão na história dos movimentos subversivos do Nordeste no século passado, tendo já publicado valiosas monografias sobre a revolta de Pinto Madeira, as sedições de 1831 e a Cabanada, interpretando-os à luz de seus aspectos econômicos e sociais.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* *

*

GEORGE (Pierre). — *Conferências no Brasil*. Instituto Brasileiro de Geografia da Fundação do IBGE. Rio de Janeiro. 1970. 76 págs.

No âmbito da geografia francesa ocupa posição ímpar a figura de Pierre George. Professor na Sorbonne, especialista mór no campo da geografia humana, aresenta produção científica em ritmo acelerado e constitui o geógrafo alienígena que possui o maior número de obras traduzidas para o vernáculo.

A universalidade de sua cultura é de todos conhecida, tendo percorrido quase todos os rincões do globo terrestre. No ano de 1968 visitou o Brasil, e não era a primeira vez que aqui aportava, tendo professado um curso na Universidade de São Paulo e, no Rio de Janeiro, proferiu várias conferências. Estas conferências vem de ser editadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia da Fundação IBGE em um volume intitulado *Pierre George — conferências no Brasil*, sendo que as traduções estiveram a cargo de Olga Buarque de Lima e Henrique Azevedo Sant'Anna.

Cinco palestras estão englobadas:

a). — *Cidades, rêdes urbanas, região*: — considerando a região como uma “porção de espaço definida e qualificada por certo número de caracteres comuns, cuja especificidade depende da forma e da intensidade de relações tecnológicas entre o meio natural e os grupos humanos que o ocupam”, o autor assinala as relações dinâmicas exercidas pelas cidades e rêdes urbanas na caracterização da organização espacial;

b). — *Crescimento da população e desenvolvimento econômicos* — o importante tema a propósito da “explosão demográfica” e evolução econômica é apresentado em suas características nos países industriais e subdesenvolvidos. São discutidos vários argumentos sôbre se a pressão demográfica é um freio ou acelerador do desenvolvimento. O autor considera que normalmente a questão é mal posta, pois “o êrro consiste em colocar o problema em termos demográficos ou econômicos, quando êle deve ser pôsto em termos geográficos, isto é, em relação a um conjunto de noções, constituindo, em um espaço definido, um sistema complexo de produção e de consumo”, e que, no fundo, “trata-se mais de problemas apresentados pelo modificação dos ritmos de crescimento que pelo próprio crescimento, seja qual fôr a importância dos investimentos demográficos”;

c). — *A organização do espaço*: — o aumento demográfico e a ampliação das necessidades oriundas das atividades urbanas e industriais forçaram o aparecimento de tendências para programar e planificar a utilização dos espaços. Os temas tratados versam sôbre a organização do espaço agrícola, a mobilização da água, a hierarquização do espaço de relação, a organização do espaço urbano e dos espaços de lazer. Os estudos concernentes à organização do espaço exige o trabalho de equipes de técnicos, dentre das quais o autor salienta a função dos geógrafos;

d). — *Estrutura agrária e economia agrícola*: — versa sôbre as questões conceituais e terminológicas ligadas a êsses aspectos da geografia agrária, salientando os problemas relacionados com os latifúndios e micro-propriedades;

e). — *O habitat espontâneo nas grandes cidades e os problemas de sua reabsorção*: — onde o autor apresenta as condições sociais e econômicas dos habitats espontâneos (favelas, barriadas, vilas, misérias, etc.) a partir das causas de sua formação até os problemas oriundos da transferência de população e da renovação do mesmo tipo de *habitat*.

São cinco temas de grande atualidade, tratados brilhantemente por Pierre George em suas conferências, e a leitura do presente volume coloca-nos frente à focalização qualitativa global dos referidos problemas.

ANTÔNIO CRISTOFOLETTI.